

POR ONDE ANDAM OS MOSQUITOS E AS CARAPANÃS? UMA ANÁLISE LEXICAL DAS VARIANTES DOCUMENTADAS NA PESQUISA LEXICOGRÁFICA

WHERE ARE THE GNAT AND CARAPANS? A LEXICAL ANALYSIS OF DOCUMENTED VARIANTS IN LEXICOGRAPHIC RESEARCH

Ivan Vale de Sousa ¹

Resumo: O presente artigo* trata das denominações lexicais direcionadas para o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite, voltado para a área da fauna com base nos seguintes objetivos que estruturam as reflexões deste trabalho, a saber: (i) discutir as diferentes denominações para mosquito à luz dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB); (ii) refletir sobre as variantes lexicais para mosquito a partir de um estudo bibliográfico de trabalhos voltados para a discussão da fauna brasileira da região Norte; (iii) analisar as maiores incidências das denominações para mosquito a partir das pesquisas realizadas pelos autores que estruturam as reflexões deste artigo; (iv) apresentar os termos que estão inseridos na pesquisa lexicográfica a partir da análise de alguns dicionários. Reitera-se que o presente trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica, revisão de literatura, das denominações apresentadas na região Norte do Brasil em trabalhos acadêmicos publicados.

Palavras-chave: Denominações. Mosquito. Projeto ALiB. Pesquisa Lexicográfica.

Abstract: The present article deals with the lexical denominations directed to the small insect, with long legs, which sings in the ear of people at night, facing the area of fauna based on the following objectives that structure the reflections of this work, namely: (i) to discuss the different names for gnat in the light of data from the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB); (ii) to reflect on the lexical variants for gnat based on a bibliographic study of works aimed at discussing the Brazilian fauna of the North region; (iii) to analyze the highest incidences of the names for gnat from the research carried out by the authors that structure the reflections of this article; (iv) to present the terms that are included in the lexicographical research from the analysis of some dictionaries. It is reiterated that the present work starts from a bibliographical research, literature review, of the denominations presented in the North region of Brazil in published academic works.

Keywords: Denominations. Gnat. ALiB project. Lexicographical Research.

*Artigo desenvolvido na disciplina Variação Espacial do Português do Brasil, ministrada pela Professora Doutora Silvana Soares Costa Ribeiro.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Licenciado em Letras: Português/ Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0041066401336527>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7244-2823>. E-mail: ivan.valle.de.sousa@gmail.com

Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir a variação lexical para o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite, a partir de uma pesquisa bibliográfica, revisão de literatura, de trabalhos publicados na área sobre as variantes desse inseto.

O questionário semântico-lexical elaborado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Comitê Nacional, 2001) voltado para o campo lexical fauna, traz uma pergunta sobre os nomes de mosquito, formulada da seguinte maneira: Questão 88: Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite?

Partindo do questionamento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o presente trabalho tem as finalidades também de refletir sobre as variantes lexicais utilizadas para designar o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas ao anoitecer, apresentando as variantes no contexto da região Norte¹, que engloba parte do estado que engloba a Região, são eles: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima, destacando os termos que são ou não dicionarizados, a partir de uma pesquisa lexicográfica, utilizando como corpus cinco dicionários que serão apresentados, posteriormente, nas discussões deste trabalho.

Cabe dizer, ainda, que este trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica e analítica, uma revisão de literatura de estudos realizados sobre o contexto da fauna no que se refere às denominações de inseto, a partir dos seguintes trabalhos: “Um estudo no campo da fauna nas regiões Norte e Sul do Brasil: o caso do pernilongo”; “Muriçoca ou maruim? Designações para pernilongo no Norte e Nordeste do Brasil”; “Aqui se diz carapanã! Variação linguística, identidade e humor nas aulas de estudos paraenses em tempo de pandemia” voltados para as questões das denominações para inseto, além de outros autores destacados no escopo reflexivo deste trabalho sobre as temáticas de variação linguística e da pesquisa lexicográfica no contexto do letramento escolar.

Outra pretensão também deste trabalho revela as variantes lexicais que são propostas nos termos dicionarizados e na realização que compõe a marca autoral deste trabalho, isto é, da apresentação das lexias existentes nos dicionários e quais significados são empregados.

Assim, este trabalho apresenta as variantes lexicais para designar o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas ao anoitecer, dividindo as reflexões em três partes discursivas, além desta Introdução que traz o contexto de estudo ao leitor de maneira sucinta. Na segunda parte do trabalho, as discussões sobre variação linguística representam o foco reflexivo; no terceiro tópico, as incidências denominativas para o inseto são apresentadas e a quarta parte, por sua vez, traz a organização das variantes dicionarizadas ou não, seguida das considerações finais e das referências que ampliaram as discussões no artigo.

Reflexões sobre a relevância da variação linguística

Por muito tempo acreditou-se que a língua apresentava um contexto uniforme e homogêneo quanto ao plano de uso e de construções das sentenças realizadas na língua. Esse ideário de língua uniforme foi desmitificado com os estudos referentes à variação linguística, reiterando que todas as línguas podem apresentar variações, uma vez que são dinâmicas, vivas e assumem a heterogeneidade linguística como ponto de construção das próprias sentenças.

O valor simbólico que as línguas têm insere-se no processo de identidade dos sujeitos, isto é, os falantes promovem o dinamismo na realização dos fenômenos da língua. Assim, o reconhecimento de uma língua na sua questão plural revela aos falantes um conjunto diverso de fenômenos que nem mesmo a Gramática Normativa é capaz de orientar e sustentá-lo.

É na proposição da diversidade linguística que a variação lexical de uma língua se apresenta como fator primordial capaz de possibilitar aos falantes a compreensão de tais fenômenos, sendo necessário compreender que toda língua se liga intrinsecamente às questões sociais, uma vez que os estudos referentes

1 Reitera-se que a capital do Estado do Tocantins não foi incluída na rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, em virtude da sua recente criação em 1989.

à “relação entre língua e sociedade e na possibilidade virtual e real de sistematizar a variação e a própria língua falada” (Tarallo, 1990, p. 7).

Nesse sentido, não dá para desassociar a língua de seu valor social, visto que é do contato com os falantes que a língua estabelece os fenômenos linguísticos dinâmicos. Ao estudar a língua no seu contexto social, isto é, em uma proposta também social, compreendemos como os fenômenos linguísticos podem ser construídos mediante a constatação do lado social de uma língua viva e dinâmica.

Há que se compreender que a língua na modalidade falada não é a mesma representada na modalidade escrita. Nesta, existe um processo de monitoramento, enquanto na perspectiva falada, a língua assume as características do contexto social em que o sistema de comunicação ou dialetos próprios numa mesma língua, sendo entendida, pois como “forma de língua que tem o seu sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua”, enquanto a noção de fala constitui-se como “atividade psicofísico-fisiológica de atualização do discurso” (Fiorin, 2005, p. 80).

É com a visão dualística que a noção de variação linguística precisa ser considerada no processo de letramento dos sujeitos. Quando escrevemos um texto para circular em uma determinada esfera discursiva e social, pensamos nos nossos interlocutores e dos sentidos que podem ser alocados no texto, justamente, por obedecer a parâmetros e princípios próprios da modalidade escrita, o que nem sempre ocorre quando utilizamos a língua nos variados contextos sociais de fala, sendo que esta é uma proposta menos monitorada, considerando os contextos e círculos sociais em que estamos inseridos.

Assim, entende-se que o processo da variação linguística de língua atribui à Dialetoлогия os estudos sistemáticos dos dialetos tendo por base o levantamento de traços regionais de uma língua e seu processo de interpretação, tendo a função de descrever de maneira comparativa os diferentes dialetos que existem em uma língua, estabelecendo fronteiras geográficas ou bem como a descrição de um dialeto de forma isolada, já Sociolinguística ramo da linguística, responsável por estudar os comportamentos linguísticos dos membros de uma comunidade, considerando as relações determinadas pelos contextos sociais, culturais e econômicos, dando ênfase à função institucional das línguas, em outras palavras, a Sociolinguística estuda as relações existentes entre língua e sociedade variantes linguísticas que têm por base a distribuição geográfica e associada aos fenômenos sistemáticos de variabilidade das línguas.

O estudo da variação linguística permite compreender como os falantes da língua interagem e se envolvem no campo diverso das variantes linguísticas, envolvendo-se nas cenas linguísticas com seus interactantes. Nessa perspectiva, ao trazer para a formação dos falantes as questões das variedades, intensificam-se as discussões sobre os diferentes dialetos e sobre a não perpetuação do preconceito linguístico, que não deixa de ser um preconceito também social. Logo, ao conhecer o valor heterogêneo de uma língua, compreendemos que “nenhuma língua se apresenta por uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedade” (Mussalim; Bentes, 2007, p. 33).

Apesar da importância de discutir no processo de ensino e aprendizagem, a variação linguística não encontrou ainda no espaço de formação a dedicação necessária, desconhecida por parte de alguns, algumas das utilizações aceitáveis são preconizadas tanto pela Gramática Normativa quanto os dicionários e os livros didáticos, como se todos os brasileiros falassem uma norma padronizada, o que não é verdade.

Na perspectiva da variação linguística não devemos conceber a língua como algo unicamente padronizado e com formas usuais fixas. A proposta de discussão da variação linguística no aprendizado de uma língua traz para a experiência dos falantes as diferentes variantes e riquezas linguísticas que possibilitam aos sujeitos utilizarem de maneira adequada às situações interlocucionais da linguagem.

A discussão sobre a variação linguística torna-se necessária à medida que possibilita aos falantes da língua não apenas utilizarem as variantes existentes, mas sim, compreender como tais fenômenos linguísticos são construídos nas atitudes linguísticas dos sujeitos. Não basta, nesse sentido, falar da existência do plano heterogêneo de uma língua, é necessário também que os indivíduos reconheçam os sentidos e os motivos pelos quais tais fenômenos ocorrem.

O apoio do contexto situacional em que se encaixa a comunicação é, sem dúvida, um dos recursos mais poderosos à disposição do falante. Mas não se deve entender contexto como um constructo estático, referente ao ambiente físico [...]. As línguas naturais são por natureza, um fenômeno sensível ao contexto. Mas os eventos de fala variam muito em relação à dependência contextual (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 63-64).

Percebe-se que não há uma homogeneidade dos usos da língua e partindo desse pressuposto de que a língua não permanece em um mesmo processo de inércia, porque se dinamiza e mostra sua vivacidade a partir da interação dos falantes ou entre os indivíduos de uma mesma comunidade. Assim, na perspectiva da variação linguística, os usos pelos falantes não são dicotomizados como “certo” ou “errado”, mas sim, como situações comunicativas adequadas aos contextos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos.

Assim, ao trazer para o contexto das aprendizagens na escola, a discussão sobre as variedades da língua devem significar também oportunidades de interação, conhecimento e respeito pela condição linguística de dadas comunidades linguísticas, equacionando as discussões linguísticas com o ensino reflexivo da gramática da língua de modo que conscientize o “aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino-aprendizagem, isto é, sem causar intervenções inoportunas” (Bortoni-Ricardo, 2006, p. 42).

É preciso saber discutir a questão da variação linguística em sala de aula com a finalidade de aproximar os sujeitos em situação de aprendizagem das discussões que estão sendo propostas, pois se assim não for, uma forma de ensino capaz de aproximar os falantes da língua dos inúmeros fenômenos linguísticos pode criar nos indivíduos uma aversão sobre o próprio idioma.

Cada maneira de falar e dizer à luz da pedagogia da variação linguística tem um sentido e um motivo de ser. Quando as variedades linguísticas são desconsideradas no processo de formação e letramento dos sujeitos em que se estigmatizam algumas e valorizam-se outras, abrem-se portas, mas não possibilidades de apontar para horizontes possíveis que reconheça a riqueza linguística do idioma e não fortifique os discursos sobre o preconceito linguístico, que também não deixa de ser uma forma preconceituosa social construída.

O preconceito é a discriminação silenciosa e sorradeira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: é um não-gostar, um achar feio ou achar-errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser bonito ou correto. É um não gostar sem ação clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta no discurso metalinguístico calcado em dicotomias, em contrários (Leite, 2008, p. 24).

Em uma proposta visionária de ensino da língua materna para os já falantes da própria língua não existem construções e sentenças feias, erradas; existem construções não adaptadas ao contexto social e linguístico dos sujeitos. Há que se destacar que a língua sempre representou uma suposição da classe dominante sobre os menos favorecidos, por isso a importância de discutir desde cedo na escola as questões referentes às variedades da língua em uma proposta plural.

A abordagem dos fenômenos das variedades linguísticas no Português Brasileiro implica no conhecimento dos parâmetros que estruturam a língua, bem como os falantes fazem uso dos inúmeros fenômenos linguísticos. Assim, as variedades linguísticas no processo de ensino e aprendizagem não desconsideram o trabalho com a gramática da língua no contexto escolar, apenas equaciona as discussões sobre os diferentes níveis linguísticos que envolvem a língua e a linguagem que os sujeitos utilizam no cotidiano.

A convicção de que a Língua Portuguesa do Brasil por natureza e por questões socioculturais, geográficas, políticas e linguísticas apresenta uma gama enorme de variedades dialetais, precisa ser reafirmada no processo de formação dos sujeitos inseridos nas propostas diversas de aprendizagem.

Conhecer essa variedade significa apresentar um estudo de variação espacial e geográfico sobre a própria língua, sobre as formas que são faladas em determinadas regiões do país, bem como na apresentação dos motivos que determinam tais ocorrências linguísticas.

A Língua Portuguesa falada no Brasil não ocorre de maneira homogênea no contexto de nação, isso não significa dizer que existam diferentes línguas portuguesas no mesmo país, mas sim, diferentes formatos em que os fenômenos linguísticos são organizados nas falas e na interação dos nativos. Compreender como a variação linguística no português do Brasil manifesta-se implica olhar para a língua sob uma perspectiva longitudinal, espacial, global e variacionista.

[...] a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera diferenças regionais bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito -, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com pior distribuição de renda em todo mundo. (Bagno, 2004, p. 16)

Isso implica dizer que é possível encontrar no Brasil uma gama de variedades linguísticas que muito tem relação com o contexto social e a região em que são utilizadas, bem como os diferentes conhecimentos de mundo dos falantes. Assim, as variedades linguísticas brasileiras devem considerar também os regionalismos e dialetos que são produzidos nas falas e atitudes linguísticas dos indivíduos.

O reconhecimento de que existem diferentes formas de falar em um mesmo país é notório que na literatura brasileira, esses dialetos e falares são apresentados aos falantes, expressando a variedade cultural que demonstra, por exemplo, na fala de Chico Bento, personagem conhecido de Maurício de Souza uma forma peculiar de falar, levando-nos à “reflexão sobre a língua portuguesa no Brasil, suas características e sua variação, especialmente as diferenças entre o Brasil urbano e o Brasil rural” (Bortoni-Ricardo, 2006, p. 18).

Na concepção de uma educação à luz das variedades linguísticas, as formas produzidas têm um sentido de sê-las, bastando que os sujeitos conheçam a própria história da língua que usam no cotidiano, esclarecendo que os estigmas linguísticos devem ser refletidos na concepção de uma prática de ensino plural, assim como é a língua portuguesa do Brasil.

O campo de atuação da língua é dinamizado pelas atitudes linguísticas e interação dos sujeitos em diferentes comunidades linguísticas que apresentam formas próprias de se comunicar. Assim, ao trazer à baila as discussões sobre as variedades linguísticas, trazemos também para o campo discursivo das práticas de ensino e aprendizagem os diferentes conhecimentos sobre a língua que utilizamos para expressar nossos desejos, sonhos e, principalmente, produzir conhecimentos.

Olhando as denominações variantes para inseto

As denominações para o *inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas a noite*, a partir da Questão 88, da temática *fauna*, do questionário semântico-lexical – ALIB (Comitê Nacional, 2001), nos trabalhos “*Muriçoca ou maruim? Designações para pernilongo no Norte e Nordeste do Brasil*”, de Cemary Correia de Souza e Jane Keli Almeida da Silva (2017), “*Um estudo no campo léxico da fauna nas regiões Norte e Sul do Brasil: o caso do pernilongo*”, de Talita Ferreira Matos Barbosa e Aparecida Negri Isquerdo (2017) e “*Aqui se diz carapanã! Variação linguística, identidade e humor nas aulas de estudos paraenses em tempo de pandemia*”, de Davi Pereira de Souza e Carlene Ferreira Nunes Salvador (2020), nesses trabalhos foram encontradas as seguintes denominações: *carapanã, maruim, muriçoca, muruanha, mosquito, pernilongo, pernalonga, carapanã-pinima e catuqui*.

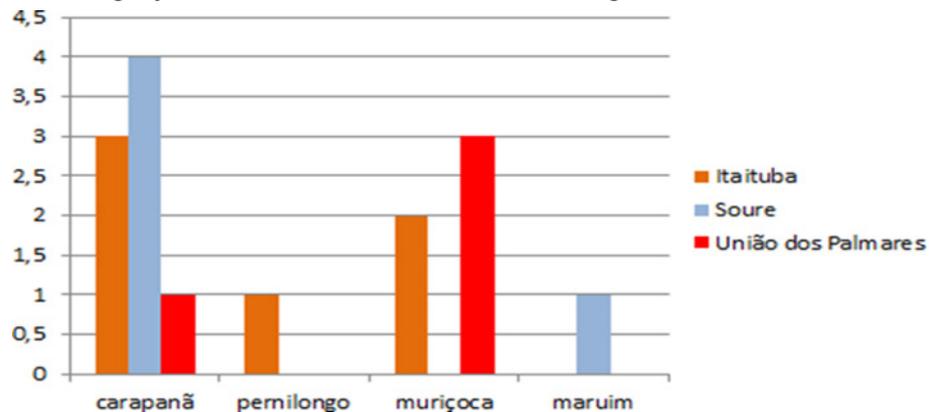
No primeiro trabalho, as autoras apresentam por meio de uma pesquisa as denominações para *muriçoca* e *maruim*, a partir de uma pesquisa de campo sobre as maiores incidências. As autoras do segundo trabalho ampliam-se ao contexto da fauna das regiões Norte e Sul do Brasil,

tendo como ponto de partida as denominadas para pernilongo e, por fim, no terceiro estudo, os autores voltam-se para a denominação *carapanã*, a partir da utilização de um quadro de humor em que as regionalidades, sobretudo do Pará são destacadas.

As diferentes denominações demonstram como as variantes lexicais vão sendo internalizadas na fala e no imaginário das pessoas, nesse caso, dos informantes, reiterando que a variação linguística está “sustentada num tripé de fatores condicionantes: o espacial, o social e o linguístico” (Lima; Razky; Oliveira, 2020, p. 15).

O significado das denominações de inseto está muito ligado ao contexto local e ao conhecimento de mundo dos informantes, como pode ser destacado no Gráfico 1, as respostas encontradas em três localidades na região Norte.

Figura 1. Designações encontradas no interior do Pará e Alagoas



Fonte: Souza e Silva (2017, p. 5).

Em análise aos dados acima, nota-se que a unidade lexical que apresentou maior incidência foi a denominação *carapanã*. Além disso, destacam-se que as lexias com menor demonstração foram as variantes *pernilongo* e *maruim*.

Assim, a variante *muriçoca*, conforme Cunha (1982) é de origem do étimo tupi *muri'soka*, definida pelo autor como uma *variedade de mosquito*, enquanto Houaiss (2001), por sua vez, reitera que o termo variante advém do idioma espanhol *mosquito*, definido como *diminutivo de mosca*, apresentando-o como “designação comum aos insetos dípteros, de pequeno tamanho, especialmente os hematófagos da família dos culicídeos, gerando vetores de conhecidas doenças do homem”. E a variante *maruim*, ainda segundo o mesmo autor, designa-se a diversos mosquitos da família dos ceratopogonídeos, de até 2 mm de comprimento.

Os termos conhecidos pelos informantes revelam os contextos em que estão inseridos, bem como a postergação das variantes nas regiões pesquisadas, denotando que para cada designação, o informante sempre terá em mente uma possível explicação que lhe permite atribuir determinadas denominações para o inseto de perninhas compridas que canta a noite no ouvido das pessoas.

Assim, os termos empregados pelos informantes referem-se ao léxico conhecido e ao próprio conhecimento de mundo, concentrando-se no emprego lexicográfico regionalista, que traz à baila o estudo das variedades da língua em contexto de uso específico de um espaço geográfico, tornando-se objetos de investigação da dialetologia, cujas finalidades são “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p. 15).

Tomando como ponto de partida os dados coletados nas seis capitais e dezessete localidades do interior da região Norte do Brasil, o trabalho de Barbosa e Isquierdo (2017) registra que as autoras documentam 171 ocorrências e que as variedades se organizam como: *carapanã*, *muriçoca*, *pernilongo*, *mosquito*, *matuqui* e *maruim*, conforme a Tabela 1, apresentada pelas autoras e aqui retomada.

Tabela 1. Produtividade das denominações de inseto – Região Norte do Brasil

ITEM LEXICAL	Nº DE OCORRÊNCIAS	PRODUTIVIDADE
Carapanã	102	60%
Muriçoca	38	22,23%
Pernilongo	21	12%
Mosquito	8	4,68%
Catuqui	1	0,5%
Muruim	1	0,5%
TOTAL	171	100%

Fonte: Banco de Dados do Projeto ALiB. Elaboração: Barbosa e Isquerdo (2017, p. 1386).

Ainda de acordo com as análises trazidas pelas autoras, os dados, observa-se que a variante lexical mais produtiva é *carapanã*, com 102 registros, ocupando a segunda colocação a unidade lexical *muriçoca* que apresentou 38 ocorrências, seguida da variante *pernilongo* com 21 registros. Além disso, para questão de registro é possível encontrar as variantes *maruim* e *muuim*, representando o contexto de utilização pelos falantes, em que podem analisadas como variedades fônicas de uma mesma palavra/ vocábulo.

Cabe dizer que no falar amazônico, a alta incidência da variante *carapanã* é comumente conhecida, sobretudo na Amazônia e esse modo de falar pode ser encontrado também em outras localidades, uma vez que os falantes são sujeitos que se deslocam de uma localidade a outra em busca de condições melhores de subsistência e acabam levando essas características das variantes.

Assim, realizando uma breve olhadela nos dados denominativos para o *inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite*, verificamos que podem apresentar diferentes níveis de incidências, dependendo da localidade em que os informantes estão, bem como os níveis de conhecimento de mundo, destacando no terceiro trabalho que a discussão central este ligada à variante *carapanã*.

A pesquisa lexicográfica e a formação das palavras

A importância da pesquisa lexicográfica mostra-se tanto pelos significados das palavras organizados nos dicionários que obedecem a uma ordem alfabética quanto na investigação de saber quais os termos que já se encontram dicionarizados e com quais significados estão revelados. Ao trazer para o contexto da sala de aula o manuseio de dicionários específicos para os debates escolares, ampliam-se as práticas de letramento no ambiente escolar.

Ao possibilitar o manuseio de diferentes e específicos dicionários nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos têm a possibilidade de realizar uma leitura cuidadosa e seletiva na definição dos léxicos que melhor se adéquem às razões sociais de suas escolhas, além disso, ampliam-se também o processo de letramento escolar e o trabalho com a leitura e a escrita.

O lugar de importância no uso dos dicionários no processo de formação em língua materna ocupa o mesmo significado no ensino da gramática, esclarecendo que a “gramática e o dicionário são instrumentos pedagógicos de primeira linha; têm pontos em comum, mas não se superpõem” (Borba, 2003, p. 301).

Gramática e dicionário não representam territórios distantes, complementam-se por suas diferentes funções. Enquanto a gramática tem a funcionalidade de normatizar e descrever a língua a partir de suas normas, o dicionário, por sua vez, revela o modo de uso de uma determinada palavra, demonstrando a aplicabilidade mais adequada do vocábulo, além de explicitar os sentidos propostos.

Assim como as gramáticas são proposições linguísticas, culturais e políticas porque revelam as normas padronizadas de uma língua, os dicionários também estão inseridos nos contextos culturais, políticos e linguísticos de uma nação. É justamente com tais pretensões que o Ministério da Educação legitima a necessidade de uso do dicionário em sala de aula.

Um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita; e isso, para todas as áreas e para todas

as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades (Brasil, 2012, p. 18).

Ao inserir o manuseio dos dicionários no contexto das salas de aulas, assim como são propostas a práticas de ensino do livro didático, os alunos constroem conhecimentos lexicográficos, exigindo que “o manejo do dicionário precisa ser orientado, pois requer a aprendizagem de procedimentos bastante complexos” (Brasil, 1997, p. 58).

Os dicionários evoluem com o tempo e com as mudanças linguísticas sobre uma mesma língua, basta, por exemplo, pensar nas adaptações requeridas aos estudos lexicográficos a partir da legitimação do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Além da evolução dos dicionários, há que se destacar também os diferentes tipos existentes de dicionários, sendo interessante que o trabalho com a pesquisa lexicográfica em sala de aula saiba selecionar as tipologias adequadas de dicionários, uma vez que para cada pretensão existem finalidades e termos específicos que podem contribuir com as propostas, conforme as definições abaixo.

Quadro 1. Tipologia de dicionários

CLASSIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO
Dicionários gerais da língua	Apresentam um grande número de palavras, definidas em suas várias acepções ou significados, além de informações gramaticais.
Dicionários etimológicos	Apresentam a origem de cada palavra, desde sua formação e evolução, (mudanças na forma ou quanto ao sentido).
Dicionários de sinônimos e antônimos	Apresentam o significado das palavras, informando as que são equivalentes ou afins (sinônimos) e as de significados opostos (antônimas).
Dicionários analógicos	Apresentam grupos de palavras reunidas por campos semânticos, ou por analogia a uma ideia. Esses dicionários não são organizados por ordem alfabética.
Dicionários temáticos	Apresentam o vocabulário específico de determinada ciência, arte ou atividade técnica: Dicionário de Linguística, Dicionário de Mitologia, Dicionário de Termos Literários, entre outros.
Dicionários de abreviaturas	Apresentam um elenco de abreviaturas e siglas que facilitam a comunicação, principalmente nesta época repleta de abreviaturas e siglas.
Dicionários bilíngues ou plurilíngues	Apresentam o significado dos vocábulos estrangeiros e sua equivalência com os vocábulos nativos.

Fonte: Sousa (2020, p. 5)

Além das diferentes tipologias existentes de dicionários, também são consideradas a estruturação e organização do léxico na constituição da macroestrutura e da microestrutura, que conforme Pontes (2000), as partes que compõem a macroestrutura são: as páginas iniciais, a nomenclatura (ou corpo) do dicionário e as páginas finais. Já a microestrutura, segundo o mesmo autor, corresponde ao conjunto de informações organizado horizontalmente, constituindo os verbetes.

Considerando o número amplo de informações que um dicionário pode proporcionar no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos no contexto escolar torna-se indiscutível para a etapa de formação, assim, o uso de dicionários em sala de aula auxilia no desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Entre outros aspectos, podemos destacar sua contribuição para ampliar o conhecimento: do vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, de aspectos históricos, bem como gramaticais dos itens léxicos, de usos e variações

sociolinguísticas (Krieger, 2007, p. 298).

Logo, com a pretensão de trazer para o contexto da sala de aula a pesquisa² lexicográfica, apresentaremos, a seguir, as variantes que constam em cinco modelos de dicionários: Silveira Bueno (2000), Houaiss (2001), Caldas Aulete (2012), Ferreira (2010) e Michaelis (2016), a fim de verificar que não há concordância entre eles. No Quadro 2, abaixo, as variantes são demonstradas pelas indicações: (D) dicionarizada e (ND) não dicionarizada ou não consta.

Quadro 2. Variantes documentadas para o inseto conhecido como carapanã na região Norte versus pesquisa lexicográfica

Variante	Etimologia	Ferreira	Silveira Bueno	Houaiss	Caldas Aulete	Michaelis
Carapanã	Tupi <i>karapaná</i>	D	ND	D	D	D
Maruim	Tupi <i>marui</i>	D	ND	D	D	D
Muruim	Tupi <i>maruwi</i>	D	ND	D	D	D
Muriçoca	Tupi <i>mberu'soka</i>	D	ND	D	D	D
mosquito	Esp. <i>mosquito</i>	D	D	D	D	D
pernilongo	Voc. Comp. de perna+i+longo	D	D	D	D	D
pernalonga	Voc. Comp. de perna+longa	ND	ND	ND	D	D
carapanã-pinima	Não consta	D	ND	D	D	ND
Catuqui	Tupi <i>tatukýra</i>	D	ND	D	D	D

Fonte: Autoria Própria (2022).

Em análise às variantes encontradas, observa-se que muitas delas são possíveis de encontrá-las dicionarizadas nos cinco dicionários selecionados. Além disso, apresentam como processo de formação de palavras, palavras simples, formadas por um único radical (carapanã, maruim, muruim, muriçoca, mosquito e catuqui) e outras de origem compostas, com mais de um radical (pernilongo, pernalonga e carapanã-pinima) por justaposição e aglutinação em pernilongo, já que é formado por perna+longo, aglutina-se, isto é, muda-se a vogal *a* por *i*, quase todas de etimologia *tupi*.

A importância do uso do dicionário no processo de letramento na escola é inegável, contudo, precisa-se propor experiências que tomem a pesquisa lexicográfica como ponto de partida para o estudo dos significados e etimologias das palavras, bem como as variantes que podem ser encontradas. Dessa forma, precisamos, ainda, ter em mente que a pesquisa lexicográfica parte também do conhecimento dos fundamentos teórico-metodológicos das ciências do léxico, considerando que o trabalho com o dicionário em sala de aula torna-se imprescindível para o letramento social e pedagógico.

Considerações finais

O estudo das variantes para o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite revela que no Norte do Brasil são muitas as denominações para o inseto e que boa parte das variantes são originárias da língua tupi, demonstrando a relação histórica e geográfica de formação e colonização do Brasil.

² Na Wikipédia, a enciclopédia livre, “carapanã” (do tupi *karapa'nã*) é um nome regional brasileiro dado aos mosquitos sugadores de sangue, principalmente na Região Norte do Brasil. São conhecidos em outras unidades federativas do Brasil como: muriçoca, pernilongo, sovela ou mosquito-prego. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carapa%C3%A3>. Acesso em: 27 jun. 2022.

Além disso, reitera-se que a criação lexical das variantes é maioria de palavras simples, revelando que nem todas as denominações estão ainda dicionarizadas e que na ausência de um nome específico, os informantes revelam os conhecimentos de mundo que têm ao informarem determinadas variantes.

Assim, finalmente, a pergunta do título *Por onde andam os mosquitos e as carapanãs?*, revela que no Norte do Brasil as variantes encontram terreno fértil para se perpetuarem na fala dos informantes com diferentes níveis de conhecimento e formação, demonstrando que o conhecimento de uma língua parte de uma pesquisa espacial sobre os diferentes falares de um mesmo povo no imenso território brasileiro, tendo como característica o Português do Brasil.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.

BARBOSA, Talita Ferreira Matos; ISQUERDO, Aparecida Negri. Um estudo no campo léxico da fauna nas regiões Norte e Sul do Brasil: o caso do pernilongo. **Revista Philologus**, ano 23, n. 67. Supl.: Anais do IXI SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFil, jan./abr., 2017. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/67supl/089.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: SEF/MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula. Elaboração: Egon Rangel. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BUENO, Silveira. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CALDAS AULETE. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALÍB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionários. Londrina: Editora da UEL, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

FIORIN, Luiz José. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2007, p. 295-309.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Alcides Fernandes de; RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. A metodologia geossociolinguística. In: RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides Fernandes. (Orgs.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro**. v. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 11-48.

MICHAELIS. **Dicionário prático de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016.
MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTES, Antônio Luciano. **Ensino do vocabulário**. Fortaleza: FDR, 2000.

SOUSA, Alexandre Melo de. **O uso do dicionário em sala de aula**. 2020, p. 1-11. Disponível em: <http://www.filologia.org.br>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SOUZA, Cemary Correia de; SILVA, Jane Keli Almeida da. “Muriçoca” ou “Maruim”? designações para “pernilongo” no Norte e Nordeste do Brasil. **Linguagens & Cidadania**, v. 19, jan./dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SOUZA, Davi Pereira de.; SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes. Aqui se diz carapanã! Variação linguística, identidade e humor nas aulas de estudos paraenses em tempo de pandemia. **Letras Escreve**, v.10, n. 1, 1º sem., Macapá, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Acesso em: 07 jul. 2022.

TARALLO, Fernando. **Tempos Linguísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

WIKIPÉDIA. **Carapanã**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carapa%C3%A3>. Acesso em: 27 jun. 2022.

Recebido em 28 de agosto de 2022.
Aceito em 21 de março de 2022